

Asunción, 18 de julho de 2006.

Queridos(as) Amigos(as)!

Espero encontrá-los bem de saúde e sempre animados nas lutas diárias!

Dentro de mais dois dias estarei completando um mês de minha chegada-estadia aqui no Paraguai. Depois de passar duas semanas na comunidade estigmatina de Villeta, me transferi definitivamente para a comunidade estigmatina daqui de Asunción.

Hoje escrevo para partilhar com vocês meu início de caminhada aqui.

Estou feliz e contente. Ainda não senti nenhum momento de tristeza ou qualquer pensamento de dúvida por ter solicitado para vir para cá. Ao contrário, cada dia mais estou me convencendo de que aqui poderei, com alegria e muita generosidade, servir a Deus e a Igreja; de que aqui estarei também contribuindo com a minha Província Estigmatina.

O povo paraguaio é um povo muito acolhedor e carinhoso com os estrangeiros, especialmente conosco os brasileiros. Até quando durou a nossa presença na copa do mundo estavam todos torcendo pelo Brasil e contra os argentinos, não é fantástico isso? Comigo particularmente estão sempre preocupados se estou me sentindo bem e fazem um grande esforço para me compreenderem no “portunhól”. Ocorrem aqui umas delicadezas que me faz vibrar. Olhem só esta: aqui dentro da área de nossa paróquia estigmatina existe muitas casas de outras Congregações religiosas, masculinas e femininas. Entre estas existe uma casa dos franciscanos capuchinhos cujos padres são todos (03) brasileiros. Ainda não os conhecia pessoalmente. Quando souberam de minha presença aqui me enviaram de presente, duas marmitas contendo arroz e feijão, já cozidos; e depois vieram me dar boas vindas. Não é interessante? Também da parte das famílias paraguaias não tem faltado convite para ir almoçar, jantar ou mesmo fazer um lanche. Eu tenho sempre procurado aceitar porque creio que será um excelente meio de conhecer de fato a cultura e a alma deste povo. Tenho conhecido várias famílias que ainda sofrem muito com a perda de filhos, mães e pais na tragédia do incêndio do supermercado Ycuã Bolamos, ocorrido há dois anos. O supermercado estava a duas quadras de nossa igreja e casa paroquial. Os escombros do mesmo ainda continuam tal como no fim da tragédia, como a denunciar que ali existe uma centena de pessoas sepultadas, cujos corpos nunca foram encontrados porque totalmente consumidos pela alta temperatura. É uma ferida aberta que ainda sangra no coração destes meus irmãos.

Nossa paróquia é composta por 17 comunidades-capelas e a grande maioria delas são comunidades muito pobres, situadas na área ribeirinha do rio Paraguai e são muito pobres. São capelas, do ponto de vista material, carentes de tudo e com muito poucas chances de haver reversão do quadro por eles mesmos, pois as possibilidades de emprego para esta gente sem grandes qualificações profissionais é praticamente zero. Por um outro lado o que me encanta aqui é a enorme presença da juventude na igreja. Existe várias centenas de jovens que são catequistas,

animadores de comunidades, responsáveis pela liturgia das capelas...etc. Como no Brasil, também aqui são poucas as oportunidades de estudo, trabalho e lazer que encontram, mas seguem sonhando como os jovens de qualquer época e nação.

Aqui na paróquia está sendo realizado um torneio entre as comunidades-capelas que durará 15. Isso significa que têm jogos durante todos os dias da semana na quadra esportiva, localizada bem ao lado da Igreja matriz. Este torneio é muito bem organizado pela Pastoral da Juventude da Paróquia e inclui a participação de equipes fraldinhas (que são realmente fraldinhas e precisam ver os picorruchos jogarem! É um gozo!) passando por todas as idades até chegarem aos seniores. Existem equipes masculinas e femininas de todas as comunidades para as modalidades handebol e futebol. Os jovens, os senhores e as senhoras jogam sempre à noite. Os jogos das mulheres-mães no futebol e no handebol são os mais concorridos em torcidas organizadas. É uma comédia à parte. Não perco um jogo. Trata-se de uma verdadeira terapia pelo riso.

Nesta segunda feira iniciei o meu curso de espanhol. Fiz um levantamento de cursos ao meu alcance financeiro e estou estudando na “Faculdade de Lenguas Vivas”, que oferece cursos para estrangeiros. Por minha iniciativa própria estou estudando já em casa e creio que em muito breve estarei me comunicando bem com os fiéis e podendo me virar sozinho nas necessidades cotidianas. É uma ilusão quem pensa que conhecer 20 ou 30 palavras em castelhano já se resolve sozinho. No dia a dia a coisa é bem diferente. E no Paraguai é mais difícil porque é um país bilíngüe (espanhol e guarani); e é muito comum falarem as duas línguas todas misturadas.

Já estou celebrando missa sozinho e até atendendo confissões. Não me atrevo, ainda, a fazer a homilia, pois para isso o meu vocabulário é pobre e não posso e não quero submeter o Povo de Deus a uma pregação sem qualidade.

Participei na semana passada da Assembléia Geral dos religiosos e religiosas no Paraguai. Foram três dias e eu participei de dois. Foi muito bom para mim, pois se tornou um meio de começar a conhecer os reais problemas da igreja católica nesta terra e também para estabelecer laços com pessoas que como eu são consagradas e vivem envolvidas nas muitas modalidades da pastoral evangelizadora.

Assim meus amigos(as), isto é um pouco da nova realidade que estou vivendo e tratando de me adaptar.

Quero expressar a todos(as) que em minhas orações vocês estão sempre presentes. Ao mesmo tempo peço-lhes que também em vossas orações rezem por mim para que possa aqui sempre louvar a Deus e a me sentir útil para Igreja, à quem decidi dedicar minha vida no ministério sacerdotal.

Com o carinho de sempre,

Pe. Valmir Cassim da Silva, CSS